

TABUS LINGÜÍSTICOS

R. F. Mansur Guérios

“La idea del tabú abre amplias perspectivas y puede desempeñar un gran papel en futuras investigaciones etimológicas” (O. Jespersen).

“Nomear as coisas é possuí-las” (provérbio árabe).

As palavras exteriorizadas podem ter fôrças sobrenaturais benéficas ou maléficas, porém há palavras que não devem ser exteriorizadas, a fim de evitar malefícios dos mesmos poderes. Estes vocábulos são tabus.

1. O QUE É TABU.

A palavra **tabu** pode ser traduzida por “sagrado-proibido” ou “proibido-sagrado” (1). Vem a ser abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida. Cometendo-se tais atos, ficam sujeitos a desgraças a coletividade, a família ou o indivíduo. Assim, existem objetos-tabu, que não devem ser tocados; lugares-tabu, que não devem ser pisados ou apenas de que se não deve avizinhar; ações-tabu, que não devem ser praticadas; e palavras-tabu, que não devem ser proferidas. Além disto, há pessoas-tabu e situações ou estados-tabu.

Emílio Willems assim define o tabu — “proibição ligada a certas representações mágicas ou religiosas” — e acrescenta: “Existe uma infinidade de tabus cuja infração envolve automaticamente a aplicação de sanções sobrenaturais” (2).

(1) Tradução que sintetizamos destas palavras de Freud: “Pour nous, le tabou présente deux significations opposées: d'un côté, celle de **sacré, consacré**; de l'autre, celle d' **inquiétant, de dangereux, d' interdit, d' impur**” (“Totem et Tabou”, Payot, Paris, 1951, p. 32).

(2) “Dicionário de Sociologia”, ed. Globo, 1950, s. v. **tabu**, p. 144

O “Diccionario de Sociología”, editado por Henry Pratt Fairchild, México-Buenos Aires, 1949, consigna esta definição: “Prohibición cuya infracción tiene como consecuencia un castigo automático; prohibición que se apoya en cierta sanción mágico-religiosa; regulación social por abstención en la que se tienen en cuenta los aspectos peligrosos del poder sobrenatural, rodeándoles de observancias estrictas; de modo más lato, toda prohibición sagrada”.

A palavra **tabu** faz parte do patrimônio cultural dos povos malaio-polinésicos: “Ce terme désigne un système remarquable qui a exercé une profonde influence sur la vie politique, sociale et religieuse des Océaniens, aussi bien des Polynésiens que des Mélanésiens, en inculquant surtout un respect superstitieux pour la personne des nobles et les droits de la propriété privée” (3).

Quem a trouxe para o Ocidente, foi o navegador inglês cap. James Cook (1728-1779), o qual, a propósito, diz, em sua obra “A Voyage to the Pacific Ocean” (1784) — “has a very comprehensive meaning; but, in general, signifies that a thing is forbidden” (4).

Como se cria o tabu? Como se explica o seu mecanismo?

Wilhelm Wundt (1832-1920) na obra “*Voelkerpsychologie*” é de opinião que o tabu se origina do temor às forças demoníacas: “Condensando estas forças num determinado objeto, o primitivo cria o tabu que depois se vai desligando pouco a pouco do demonismo e se constitui como força independente, capaz de atuar por si mesma” (5).

(3) James George Frazer, “*Tabou et les Périls de l'Âme*”, trad., Paris, 1927, p. VII.

(4) “*Everyman's Encyclopaedia*”, s. v. **tabu**, vol. 12.

(5) Josué de Castro, “*Fisiologia dos Tabus*”, 1938, p. 12. — “Le tabou provient de la même source, diz Wundt, que les instincts les plus primitifs et les plus durables de l'homme: **de la crainte de l'action de forces démoniaques**”. “N'étant primitivement que la crainte, devenue objective, de la puissance démoniaque, supposée cachée dans l'objet tabou, le tabou défend d'irriter cette puissance et ordonne, toutes les fois qu'il a été violé, sciemment ou non, d'écarter la vengeance du démon” (Citado por Freud, o. c., p. 40).

Siegmund Freud (1856-1941) apresenta analogias entre os fenômenos-tabu e as manifestações das neuroses. Nestas o indivíduo tem privação de pessoas ou de coisas, das quais teme o contacto, sem explicação razoável. Há, então, coação ou atitude de ambivalência — impulso para o contacto e, ao mesmo tempo, repulsa ou proibição. Assim, para Freud (6), o tabu é a resultante de um recalque de tendências, desejos e instintos naturais de uma coletividade, o qual recalque se verificou pela força coercitiva de variados interesses externos em conflito.

Para Josué de Castro, os tabus são, fisiologicamente, “produtos de reflexos condicionados, nos quais a coisa, pessoa ou palavra, isto é, o objeto **tabu** desempenha o papel de estímulo condicionado a outro estímulo reflexo, provocador de um reflexo de medo. O primitivo executa um gesto, uma ação que por si só não lhe pode causar nenhum medo (o gesto de comer determinado alimento, por exemplo) mas, se durante esta ação e repetidas vêzes êle sofre uma excitação que o atemoriza (uma descarga elétrica de um raio que caia, ou o ruído do trovão que êle já condicionou à queda do raio, ou o urro duma fera, também já condicionado à presença temerosa dessa fera), basta posteriormente a presença daquele alimento para que êle se encha de medo e evite tocá-lo. O alimento constituiu-se **tabu**” (7).

Nem sempre tais eventualidades são suficientes para explicar a origem do tabu. E’ preciso, portanto, verificar se as várias características dos tabus podem ser explicadas com as diversas leis dos reflexos condicionados.

Características dos tabus (8):

1.º “As proibições **tabus** carecem de todo fundamento lógico e são, portanto, de origem desconhecida”.

Nem sempre se descobre, por se achar perdido em tempos remotos, o excitante efetivo, e, portanto, acha-se ilógica a atuação do excitante condicionado.

2.º “As proibições **tabus** possuem um caráter de ambivalência psicológica”.

(6) “Totem et Tabou”, Paris, 1951.

(7) “Fisiologia dos Tabus”, p. 25 e 26.

(8) Josué de Castro, *ibidem*, da p. 27 a 29.

Um ato ou fato que dá prazer, realiza-se simultaneamente com outro, que causa temor. “Assim, o ato **tabu** como excitante condicionado atua, provocando uma repulsão pelo objeto **tabu**, mas, por outro lado, como excitante direto, incondicionado, atua de maneira oposta, porque conduz, pelo contacto com o objeto, a uma sensação de prazer”.

3.º) “As proibições **tabus** têm um caráter de propagação a outras coisas ou pessoas pela violação (contacto)”.

4.º) “Pode-se proceder à anulação do **tabu** por meio de um cerimonial adequado” (9).

“Se esta estrutura parece absurda é que dela fazem parte, de um lado, um elemento constante mas, as mais das vêzes ignorado (a causa do **tabu**) e, de outro lado, um novo excitante cuja natureza pode ser variável, ligada a qualquer órgão receptor”.

Conclui Josué de Castro que sua explicação, “na realidade, não se contrapõe à de Freud, mas, apenas, a aprofunda, a fixa sôbre um substrato funcional orgânico”.

* * *

Pode suceder que um **tabu** seja analógico. P. ex., em Madagascar (Van Gennep), é **tabu** lançar pedras a um campo de arroz, porque atrai o granizo sôbre o mesmo campo. Como a saraiva prejudica a lavoura do seu principal produto, uma pedra atirada nela, embora não prejudique tanto, suscita, misteriosa ou supersticiosamente, a reprodução dêsse ato pela natureza, com chuva de pedra (granizo).

* * *

O fenômeno da interdição é universal e de todos os tempos; varia de intensidade e pode não ser coincidente, i. é, um objeto **tabuizado** numa comunidade, poderá não sê-lo em outra.

(9) Id., ib., p. 34-35. — Assim entre os Romanos: “On passe du **sacer** au **profanus** par des rites définis” (Ernout e Meillet, “Dict. Étym. Lat.”, 1951, s. v. **sacer**).

2. O QUE É TABU LINGÜÍSTICO.

Há duas definições de tabu lingüístico (10) — própria e imprópria.

Pròpriamente, o tabu lingüístico é a proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural, para evitar infelicidade ou desgraça.

Impròpriamente, o tabu lingüístico é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira.

O primeiro é mágico-religioso ou de crença, e o segundo é moral ou de sentimento.

Para os homens primitivos, para os homens atrasados ou incultos em geral, há conexão íntima, misteriosa, mágica, entre a palavra e o objeto por ela designado. A palavra não é sinal cômodo, prático, para denotar a coisa, senão a substância, a alma da própria coisa. Assim se justifica, p. ex., a expressão **nomen omen**, dos Romanos, que não é mera locução de vocábulos rimados, mas realidade e realidade que se deve evitar — **infandum**.

Assim, o tabu lingüístico nada mais é do que modalidade do tabu em geral, ou é um prolongamento dos demais tabus. Se uma pessoa, coisa ou ato é interditado, o nome ou a palavra que se lhes refere, é-o igualmente.

Se alguém não se abster de pronunciar uma expressão vedada, ficará automaticamente sujeito a infelicidade ou desgraça, que pode atingir êsse indivíduo ou sua família ou sua comunidade (tabu pròpriamente dito).

* * *

— Qual é a vigência dos tabus lingüísticos?

Vigorando indefinidamente o objeto atingido por tabu, é

(10) Parece-me que a expressão **tabu lingüístico** foi usada, em português, pela primeira vez, por João da Silva Correia, então assistente na Faculdade de Letras de Lisboa, o qual foi também o primeiro a tratar do assunto, embora superficialmente, num artigo, pelo autor qualificado de "nota filológica", intitulado — **Tabus Lingüísticos** — publicado no "Diário de Notícias" de Lisboa, e reproduzido no estudo "O Eufemismo e o Disfemismo na Língua e na Literatura Portuguesa" in "Arquivo da Universidade de Lisboa", v. XII, Lisboa, 1927, p. 455-456.

claro que a expressão a qual se lhe refere, vigora também indefinidamente. No entretanto, apesar de o tabu lingüístico ser fenômeno universal e de todos os tempos, não é uniforme na intensidade e não é coincidente, isto é, uma palavra tabuizada num povo, numa comunidade, numa família, poderá não sê-lo em outro povo, comunidade ou família, e, por fim, pode ser temporário.

* * *

Neste trabalho se tem dado mais atenção aos verdadeiros tabus ou supersticiosos que aos demais, e, para o leitor ou estudioso que se interessar pelos tabus morais, principalmente da língua portuguesa, remetê-los-emos ao estudo já citado de João da Silva Correia — “O Eufemismo e o Disfemismo na Língua e na Literatura Portuguesa” — publicado no “Arquivo da Universidade de Lisboa”, v. XII, Lisboa, 1927, em que, todavia, o A. também aborda os tabus supersticiosos, mas não tão amplamente como os outros.

3. CLASSIFICAÇÃO DOS TABUS LINGÜÍSTICOS.

Consoante W. Havers (11), os tabus são assim classificados: 1.º nomes de animais ; 2.º nomes de partes do corpo; 3.º fogo ; 4.º sol e lua; 5.º doenças, lesões e anormalidades; 6.º nomes de deuses e demônios.

Muito genêricamente, S. Ullmann (12) apresenta esta divisão: 1.º **tabus de superstição** (p. ex., o port. **doninha** é um hipocorístico que desbancou o lat. **mustela**; 2.º **tabus de delicadeza** (p. ex., o francês **benêt**, na origem alótrofo de **béni**, deve o sentido de “tolo, ingênuo”, embora erradamente, a uma alusão bíblica (Mat., V, 3); e 3.º **tabus de decência** (p. ex., entre as “preciosas” da França, evitava-se o verbo **marier**, que deveria ser substituído por “donner dans l’amour permis”).

Reconhece A. Carnoy (13) duas espécies de tabus — os **so-
ciais** ou **morais** e os **supersticiosos**.

(11) “Neuere Literatur zum Sprachtabu”, Akademie der Wissenschaften in Wien, Sitzungsberichte, 223, V, Viena, 1946.

(12) “Précis de Sémantique Française”, Berna, 1952.

(13) “La Science du Mot — Traité de Sémantique”, Lovaina, 1927.

James George Frazer, em obra não pròpriamente lingüística (14), admite esta divisão, no capítulo — **palavras-tabus**: 1.º tabus sôbre os nomes de pessoas; 2.º tabus sôbre os nomes designando os graus de parentesco; 3.º tabus sôbre os nomes dos mortos; 4.º tabus sôbre os nomes dos reis e de outras personagens sagradas.

Neste breve trabalho, apresentamos assim os tabus: 1.º tabus em nomes de pessoas; 2.º tabus em nomes de parentes; 3.º tabus em nomes de autoridades; 4.º tabus em nomes religiosos (teônimos, hierônimos, etc.); 5.º tabus em nomes de mortos; 6.º tabus em nomes de animais; 7.º tabus em nomes dos membros do corpo humano; 8.º tabus em nomes de lugares e circunstanciais; 9.º tabus em nomes de doenças e defeitos físicos; 10.º tabus em nomes de alimentos; e 11.º tabus em nomes vários.

João da Silva Correia, autor de “O Eufemismo e o Disfemismo na Língua e na Literatura Portuguesa” (15), deixando de lado a expressão **tabus** para dar primazia à expressão contrária — **eufemismo** — classifica-os assim:

Eufemismos de superstição e de piedade — Eufemismos de decência e de pudor — Eufemismos de delicadeza e de respeito — Eufemismos de prudência e de megalomania.

4. O VOCÁBULO “TABU”.

O vocábulo **tabu** proveio de idiomas polinésicos ou, melhor, de línguas do ramo malaio-polinésico, por sua vez da família munda-polinésica, segundo a classificação de A. Trombetti (16).

No entretanto, segundo registra o “Etymologisches Woerterbuch der deutschen Sprache” de F. Kluge e A. Goetze (15.º ed., 1951), **tabu** “é uma palavra austrálica que da velha Índia passou aos Polinésios”.

Corresponde a — **tapu** (Máoris; Nova Zelândia; Samoa, Taiti, ilhas Marquesas); **tabu** (Tonga); **tambu** (ilhas Salomão); **kabu** (várias regiões da Polinésia); **kapu** (Havai).

(14) “Tabou et les Périls de l’Âme”, trad., Paris, 1927.

(15) “Arquivo da Universidade de Lisboa”, v. XII, Lisboa, 1927.

(16) “Elementi di Glottologia”, Bolonha, 1923, p. 83 e ss.

Sòmente um estudo comparativo bem vasto dentro dessa família lingüística poderia resolver qual a forma primitiva ou mais antiga de **tabu**, se as formas dotadas de nasal são evoluídas das destituídas, ou, pelo contrário, se estas provêm daquelas, i. é, em resumo: **tabu** > ***tabbu** > **tambu** ou **tambu** > ***tabbu** > **tabu**?

As formas com a velar **k** (**kabu**, **kapu**) são evoluções das de **t**, segundo registra A. Trombetti: "Esempi de **t** > **k** abbiamo trovato in lingue maleopolinesiache" (7). Verifica-se tal "strano mutamento" na Nova Guiné Inglesa e nas línguas quissa, baba, mafur, iai, lifu, havaiano (18).

À palavra **tabu** correspondem estas em outros idiomas: **sabi** (tribos ocidentais da Nova Guiné); **poto**, "tabu referente a ações" e **koin**, "tabu referente a coisas e a lugares" (entre os Alfuras da ilha Buru, Índias Orientais Holandesas); **pantang** (entre os Daiaques — Índias Hol. e Península Malesa) (19); **pukimani** (entre os Tiuis das ilhas Melville e Bathurst, Austrália); **fady** (Madagascar); **aina** (entre os Coitas, Nova Guiné); **helaga** (Papuanos do Pôrto Moresby e Motus — Nova Guiné) (20); **genna** (Assam); **yila** (entre os Bapedis, tribo banta); **chegilla**, "tabu alimentar" (Congo) (21); **wakan** (entre os Dacotas, América do Norte); **urgharta** e **geasa** (Irlanda); **sacer** (22) e **infandum** (entre os Romanos); **ágios** (Grécia) (23); **kadosh** (entre os Judeus).

(17) Idem, § 672, p. 605.

(18) Idem, § 506, p. 431.

(19) Parece que **pantang** é afim de **poto** e esta forma talvez seja hipertética de ***topo** = **tapu**? Acrescente-se a forma **sabi**, certamente com a evolução do **t**- na sibilante.

(20) Lembra **helaga** o saxônio antigo **helag**, o alemão **heilig**, "santo, sagrado", etc.

(21) São formas afins **che-gilla** e **yila** e ambas decorrem do radical **gili**, **giri**, "tabu, ser tabu", registrado por Trombetti em "Saggi di Glottologia Generale Comparata" — III — "Comparazioni Lessicali", Bolonha, 1920, p. 183.

(22) "**Sacer** désigne celui ou ce qui ne peut être touché sans être souillé, ou sans souiller; de là le double sens de "sacré" ou "maudit" (à peu près)" Ernout e Meillet, "Dict. Etym.", s. v. **sacer**. E, assim, uma das características do **tabu**.

(23) **Ágios**, **-a**, **-on**, "santo, sagrado, agosto"; "consagrado aos deuses infernais", donde "maldito", "execrável" (A, Bailly, "Dict. Grec-Français", 6.^o ed., Paris, 1950, s. v.).

Parece que a forma polinésica **tambu** é afim da tupi **timuapú**, “proibir, vedar”, averbada em E. Stradelli (24). Como não a encontramos nos demais vocabulários tupis, estamos inclinado a admitir que se trata de empréstimo a uma língua da Amazônia, uma vez que o vocabulário tupínico dêsse autor foi apanhado a indígenas bilíngües ou a aloglotas que vieram a adotar o nheengatu.

Parece que não tem **timuapú** o emprêgo supersticioso que os demais vocábulos possuem. Essa e outras correspondências pela forma e pelo sentido se explicam pela pré-história.

E' tentador também o cotejo entre o grego **thámbos**, “espanto, pasmo”, provávelmente na origem “horror sagrado”, e a série polinésica **tabu, tambu**. Parece que essa palavra não é indo-européia, mas talvez empréstimo ou relíquia “mediterrânea”.

Infelizmente não temos elementos para incontestável afirmação. O “Dictionnaire E'Tymologique de la Langue Grecque” de Émile Boisacq, 4.º ed., Haidelbergue, 1950, s. v. **thámbos**, nada nos adianta quanto à origem, e parece não são seguros os cotejos com outras línguas áricas.

Se **thámbos** forma equação com **tambu**, por outro lado **é-taphon, thêbos** formam outra com **tabu**. De qualquer maneira, pode-se ter no grego **-b-> -bb-> -mb->** como o inverso: **-mb-> -bb-> -b-**.

5. MEIOS DE SUBSTITUIÇÃO DOS VOCÁBULOS TABUS.

Se é vedado pronunciar uma palavra, se esta é tabu, então qual é o recurso ou processo de que se lança mão para exteriorizar a idéia expressa por ela, uma vez que se faz mister exprimi-la?

O recurso empregado são meios indiretos e meios diretos dissimulados, i. é., substitutos que velem de qualquer modo o ser sagrado-proibido.

Poder-se-ia denominar **metalexismo** qualquer expressão substituta, porém há um têrmo, talvez mais adequado, que é

(24) “Vocabulários da Língua Geral — Português-Nheengatu e Nheengatu-Português”, Rio, 1929, sep. da “Rev. do Inst. Hist.”, às pp. 301, 350 e 676.

noa, "antônimo" de **tabu**, empregado, como êste, pelos povos malaio-polinésicos.

Noa é a expressão neutra, permitida, é a expressão substituta do tabu lingüístico pròpriamente dito, aquela que não está ou não é atingida pela desgraça. Não é, na realidade, equivalente a **eufemismo** (25), porque êste é a expressão substituta que atenua uma idéia triste ou desagradável, pertencente, por consequência, ao domínio moral ou do sentimento, ao passo que a **noa** faz parte do domínio mágico-religioso. Todavia, nada impede que se estenda o sentido de **noa**, abrangendo os **eufemismos**, como o têrmo **tabu** pode incluir, além dos fatos mágicos-religiosos, os demais, i. é, os de natureza moral. E, por outro lado, não há inconveniente em estender a acepção de **eufemismo** à **noa**, uma vez que há casos, e muitos, de substituições a tabus que são verdadeiros eufemismos ou expressões laudatórias (**hipocrísticos**).

Vários são os processos de substituição, classificados assim por Havers: 1.º alteração fonética; 2.º empréstimo; 3.º antífrase; 4.º substituição por pronomes; 5.º contaminação eufemística (cruzamento vocabular); 6.º extensão de sentido; 7.º perífrases oracionais; 8.º "captatio benevolentiae"; 9.º elipse; 10.º instrumental-sujeito; 11.º fuga para a generalidade.

Conforme Ullmann: 1.º modificação (de natureza fonética ou morfológica); e 2.º substituição (de natureza lexical ou sintática).

Para Frazer, os têrmos substitutivos são divididos em duas classes — elogiosos e enigmáticos, conforme são ou não entendidos.

Consoante o nosso modo de ver, tais são os processos:

(25) Ch. Bruneau, no artigo "Euphémie et Euphémisme" in "Festgabe Ernst Gamillscheg," Tübingia, 1952, propõe o nome de **eufemia** ao esforço para atingir certo ideal lingüístico, ou de beleza (linguagem nobre, palavras belas dos simbolistas, etc.), ou de fealdade (recursos da gíria, etc.). Pelo contrário, os **eufemismos**, que o A. distingue dos **tabus**, são mitigações da expressão.

1.º) **O vocábulo tabu é substituído por gesticulação.**

Entre os Warramungas, Austrália, servem-se as mulheres da gesticulação em tempo de luto, no qual lhes é vedada a linguagem oral.

Em vez de se designar um animal, manifestam gestos que dêem a entendê-lo por qualquer particularidade (W. Havers).

São as mulheres quem faz mais largo uso dêsse recurso, uma vez que lhes são interditados vocábulos empregados pelos homens (J. Vendryes).

2.º) **O vocábulo tabu é substituído por um sinônimo, simples ou locucional.**

Nas Ilhas Carolinas, o nome ordinário do porco é **puik**, mas na região de Paliquer a Ponape, por causa da morte de um principal chamado **Puik**, houve substituição para **manteitei**, "animal que fossa".

Em Madagascar, se um chefe recebe o nome, p. ex., de **Ramboa**, o cão - **amboa** - seria denominado "o ladrador" (**famovo**) ou "o caçador" (**fandroaka**).

Entre os Massais, África, se, p. ex., uma pessoa chamada **Olonana**, "doce, tenro", vier a morrer, a "doçura" não mais se denominará **enanai**, mas **epolpol**, "lisura, polidez", etc.

Entre os Wagawagas, próximo da Nova Guiné, se o morto se denomina **Binama**, nome de certa ave, esta receberá novo nome, p. ex., **ambadina**, "que lida com gêsso".

Há tribos que, tabuizando nomes de pessoa, substituem-nos apenas por outros, como os Massais que evitam o nome de um morto; dão-lhe outro, e assim o podem citar, e o velho cai no esquecimento.

3.º) **O vocábulo tabu é substituído por uma expressão genérica, com ou sem restrição.**

A rapôsa, em certas regiões da Sardenha, é denominada "o animal" (**sa bestia**).

Na França, o lobo recebe o nome de **bête grise**, "animal

cinzento”, e a doninha, o furão e a fuinha se chamam simplesmente **bête**.

Caçadores finlandeses chamam à rapôsa e à lebre “a selvagem”.

Há doenças gravíssimas que são conhecidas por “coisa”, “coisa má”, etc. (Havers).

Entre tribos da Austrália, não se pronuncia o nome do homem morto; diz-se “o outro”.

Em Logea, arquipélago Samarai, dizem do falecido: “o pai de um tal”, “o filho de um tal”, etc.

Entre os Alfuras de Halmahera, um genro se dirige ao sogro sem lhe dizer o nome, porém simplesmente “sogro”.

Os Abipões, Paraguai, falam de um morto — “aquêlê que não existe mais” — e acrescentam particularidades que servem para indicar a pessoa em questão.

Os Caiabaras, Austrália, evitam o nome de um falecido; dizem “o morto”, e, para explicar de quem se trata, falam do pai, da mãe, etc., do extinto.

Em regiões do rio Bloomfield, Queensland, Austrália, morto um xará, o sobrevivente toma o nome de **Tanyu**, palavra cujo sentido se ignora, ou, então, recebe um nome que designa “cadáver” e que se lhe faz preceder da sílaba **Wau**. Pode-se, p. ex., chamá-lo **Wau-Batcha**, aludindo à região onde foi sepultado, ou **Wau-Wotchinyu** — “queimado” — designando a cremação do corpo.

Entre os Couraregas das Ilhas do Príncipe de Gales e entre os Gudangues do Cabo Iorque, Queensland, morto um homem de nome, p. ex., **Us**, “quartzo”, mudou-se o nome comum do quartzo, que passou a ser “a coisa que é um homônimo”. (Fraser).

4.º) **O vocábulo tabu é substituído por estrangeirismo ou dialetismo.**

Na Rússia, denominam o cão **sobaka**, de procedência irânica; o açor **gaban**, de origem carélica; o lobo **likas**, empréstimo

do grego (*ly'kos*), ou *birjuk*, de ascendência turca *büri*, *büru* — embora êstes não com o sentido de “lôbo”, porém de “urso” (Havers).

Entre os Alfuras, Celebes, se o nome da pessoa tabuizado é *Oewe*, “água”, empregam para água o vocábulo *owai*, de um dialeto (Frazer).

5.º) **O vocábulo tabu é substituído por um hipocorístico ou por uma antífrase.**

Hipocorístico é uma expressão de carinho ou de louvor. Com isto, pretende-se transformar o inimigo em amigo, ou neutralizar-lhe as forças malignas.

Pode suceder que a expressão é aparentemente laudatória, pois lhe dá uma idéia contrária; é a antífrase ou ironia.

Na realidade, visto que a coisa tabu é perniciosa ou tida como tal, não há pròpriamente substituição por um hipocorístico, mas, sim, por uma antífrase.

O demônio é chamado: *ded*, “avô”, *didko*, “avozinho”, entre os Eslavos orientais; “os melhores que nós”, na Armênia; *daeva*, “deus”, no avéstico; *boginka*, “deusa”, na Polônia; “o alto espírito”, no jacútico; “o justo”, na Rússia.

No oeste do Paraná, o saci-pererê é chamado **tiozinho**.

6.º) **O vocábulo tabu é substituído por um disfemismo**

Disfemismo é uma expressão agravante. Se o emprêgo de expressão disfêmica revela clara manifestação de coragem, esta é, na verdade, incompleta, porquanto o não pronunciar diretamente a palavra tabu é indício de fraqueza, segundo a nossa concepção de civilizados. Mas atenda-se para o complexo do fenómeno — a palavra tabu é que é para temer e não outra, embora se agrave a expressão (ver o cap. 6).

Assim, são exemplos disfêmicos no port.: **coisa-ruim**, **malvado**, **maldito**, etc., referentes ao demônio.

Na Alemanha diz-se **das boese Ding** — “a coisa ruim” — panarício. No Brasil, a erisipela é chamada **maldita**, a lepra **mal-bruto**, a tuberculose **doença-ruim**, etc.

7.º) **O vocábulo tabu é substituído por um resultado do cruzamento entre aquêle e outro vocábulo.**

Na Rússia, **ataman**, um espírito doméstico, o qual pròpria-mente quer dizer “o mantenedor da ordem”, é tabuizado, porém cruzando-se com **bate**, **bat’a**, “pai, padre”, criou o inofensivo **bataman** e os diminutivos **batamanka**, **batamushko**, **bota-mushko** (Zelenin “apud” Havers).

Às vêzes, ambos os componentes são tabuados: No russo branco, **ancipar**, nome tolerável do demônio, é um cruzamento de **An**(ticristo) + (Lu)**cipar** (= Lúçifer), ambos atingidos por tabuagem, principalmente o primeiro, se aplicado ao demônio (Idem).

Em inglês, evita-se **damned**, “condenado ao inferno”, com a contaminação de **damned** com **hanged**, “enforcado”, dando lugar a **danged**.

8.º) **O vocábulo tabu, membro de uma locução ou frase, é substituído pelo restante dessa locução ou frase (elipse).**

De uma locução tabu ou de uma oração tabu, deixou-se de pronunciar o vocábulo a que se atribui maior importância, tolerando-se, portanto, a expressão elíptica:

No inglês: **damn you**, **dash you**, **darn you**, **hang you**, etc., com elipse de **God**.

O umbro **esonom**, ‘sacrifício’, é um adjetivo de uma locução como *(ritus) **sacrificialis**’, ação sacrificial, com elipse do substantivo por tabu. (Havers).

Às vêzes a expressão principal é patente, mas oculta-se o vocábulo da frase, ao qual se atribui maior potência tabuística: **Por Deus!** (= Juro por Deus!).

9.º) **O vocábulo tabu não é substituído, mas apresenta-se no diminutivo.**

O diminutivo é modalidade do hipocorístico, mas aqui se considera à parte, porque não se procede à substituição.

Exs.: Port. **diabinho**, **demoninho**, etc. Ital. **diavoletto**, **demo-**

nietto, etc. O lat. * **musta**, certamente com o sentido de “senhora”, aplicado ao animal doninha, desapareceu por tabu, ou, melhor, só subsistiu no diminutivo **mustela**, “doninha”.

Pode acontecer que um diminutivo é apenas tal sem ser tabu o correspondente no grau normal. Assim é que **doninha**, nome dêsse animal nocivo, não é substituto de **dona**, inexistente como denominação de animal, mas, na realidade, criação vernácula, substituição do latim **mustella**. É, sim, um hipocóristico, e, por outro lado, substituto, no diminutivo, com idéia sinonímica do latim (ver adiante).

Por último, o diminutivo pode ser antifrástico.

10.º) **O vocábulo tabu não é substituído, mas deformado foneticamente.**

Pode-se verificar supressão de fonema inicial, medial ou final; supressão de sílaba ou sílabas; deslocação de fonema ou fonemas, de sílaba ou sílabas; análogas substituições; aparecimento de fonemas; etc.

Na tribo africana Dwandwe havia um chefe que recebeu o nome **Langa**, “sol”, por isto **langa**, “sol”, nome comum, passa **gala**.

O latim **vermis** com o gótico **waurms** apresentam inicial deformada face ao lituano **kirmis** com o persa **kirm**, etc.

O adjetivo **desgraçado**, em port., apresenta-se desfigurado eufemisticamente em **desgranhado**, **disgranido**, **disgramado**, **disgra**, etc.

O **demônio**, em português, sofreu também deformações voluntárias: **demo**, **decho**, **democho**, **dêbo**, etc.

Símiles expedientes passaram da linguagem oral para a escrita. São bem conhecidas, p. ex., as fórmulas mágicas escritas invertidamente, às quais se têm atribuído virtudes sobrenaturais (26).

Pode suceder, para amenizar algo, que a deformação seja

(26) Breve conspecto em “A Magia da Palavra”, de nossa autoria, in “Letras”, n.º 1, Curitiba, 1953.

também na tonicidade, como em **esquésito** (= **esquisito**), **porcó** (= **porco**; gíria — Figueiredo), etc.

Há substituição de fonema homorgânico em **vurro**, **vêsta** (= **burro**, **besta**), ditongo em **loico** (= **louco**).

11.º) **O vocábulo tabu, membro de uma frase, não é substituído, mas ela obedece a uma sintaxe preconcebida.**

Em vez da palavra tabu como sujeito ativo de uma oração, emprega-se a mesma palavra em adjunto circunstancial de instrumento: Assim, em vez de — “um raio matou-o” — usa-se, na Rússia, na Polônia, etc. — “matou-o mediante um raio”; “foi atingido com o raio”; em vez de “o granizo devastou a plantação” — “com granizo devastou-se a plantação”, etc. (Havers).

O vocábulo tabu, em genitivo possessivo, pode ser substituído por um adjetivo qualificativo corradical. Assim, é por veneração ao nome **Dominus**, “Senhor”, que, entre os Cristãos ocidentais, em vez da expressão **dies Domini**, “dia do Senhor”, que se evitou, foi criado **dies dominicus**, “dia dominical ou senhorial” (Havers, Schulze), de que proveio o port. e o espanhol **domingo**, o ital. **domenica**, o fr. **dimanche**.

12.º) **O vocábulo tabu não é substituído, mas apresenta-se no plural.**

Trata-se de uma modalidade da generalização.

O latim **tenebrae**, p. ex., encobre algo do terror que produz êsse nome no singular. Não se trata de intensivo, porém de modalidade de generalização, pois o singular nos leva a uma determinação que, na concepção supersticiosa, predispõe ao perigo próximo (27).

13.º) **O vocábulo tabu não é substituído, mas apresenta-se no gênero neutro.**

Não é, como afirma Havers, que o neutro, pela indeterminação, se aproxima do plural, senão que o gênero neutro, con-

(27) Ver adiante o cap. **A noite e o poder das trevas**.

trariamente ao gênero masculino-feminino ou animado, é o dos seres inanimados ou inertes, desprovidos de fluido vital ou mana ou “alma”, e que, por conseguinte, não têm força para agir, ou as entidades sobrenaturais não podem servir-se dos seres neutros para malefícios.

Assim se explicam, por tabu, os neutros: **daemonium**, como no grego, de onde proveio — **daimónion** — além de diminutivo; **diabolum** (em Gregório de Tours — Havers).

Na Rússia, chamam à criança recém-nada **ono**, pronome neutro da 3.ª pessoa, não porque a criança não tem personalidade, mas pelo receio aos assaltos dos espíritos malignos.

Em Shakespeare, o espírito é muitas vezes designado com o pronome neutro **it**, e também como substantivo **thing**, como no port. **coisa** (= “demônio”).

14.º) **O vocábulo tabu não é substituído, mas pronunciado em voz baixa.**

Os indígenas da ilha de Chiloé, costa meridional do Chile, não proferem os nomes de pessoa em voz alta, pois lhes fazem mal os espíritos.

Em tribos da Austrália central, todos os indivíduos possuem um nome secreto que, quando necessário, pronunciam em voz baixa, mas só entre pessoas do grupo. (Frazer).

* * *

Consoante João da Silva Correia, tais são os principais processos eufemizantes:

Com os auxiliares da linguagem — 1.º) **O tom de voz** — “O tom de voz com que se disser a outrem: **o senhor fêz uma pouca vergonha**, implica da parte de quem fala um juízo sobre a pouca-vergonha cometida. Se é de cólera indicará que ela é sem desculpa; se é de calma — que ela é perdoável”.

2.º) **Os popismas** — “Aquêles com que se estimulam animais como o burro, o macho e o cavalo — e que é vulgar saltar da bôca de alguém que foi pisado, embora equivalendo lá no íntimo a **Arre, bêsta!**, leva o pisador a pedir desculpa. . .”

3.º) **Os gestos** — “Hoje, nota J. Leite de Vasconcelos, hoje conta-se que os negociantes, para inculcarem bondade nas mer-

cadorias com que enganam os fregueses, metem a ocutas o dedo na casa do casaco ou do colete, e dizem: **arrasada seja esta casa, se eu não falo verdade!**"

* * *

No campo lexical:

1.º) **E l i p s e** — "O povo emprega as interjeições — **t'arrenego! sume-te! por t' arrenego, diabo! sume-te, diabo!**"

"A omissão eufêmica é, por motivos supersticiosos, muito vulgar em pragas e juras: **raios!** — equivale a **raios te partam; eu seja! a eu seja cêguinho!**"

Há o recurso da aposiopese, p. ex.: **Ele é um...** em vez de — **êle é um patife!**

2.º) **S u b s t i t u i ç ã o** — substituição de fonemas: Em vez de **ódio** o uso de **osga**; em vez de **raios** o emprêgo de **raças, ratos: raças te partam!, ratos te partam!**; em vez de **cornio** ("mala parte") **Cornélio**. "A respeito de um indivíduo chamado Brito e que na realidade é bruto: é **Brito com u**." "No Parlamento português também se fizeram já em tempos largas referências a **socialistas com u**".

3.º) **V e r s ã o** — "A versão é um meio bastante corrente de evitar um palavra desagradável ou vulnerante. Os vocábulos da língua estranha — mórmente quando tal língua tem prestígio literário, como o latim ou o francês — são freqüentemente encarados como mais nobres e delicados. Êles servirão, pois, para traduzir, em grande número de casos, idéias ou atos que não se podem denominar sem véu eufêmico no idioma materno. As línguas modernas recorrem hoje ao latim para atenuar muitos têrmos fatais ou crus, exatamente como o idioma do Lácio outrora recorreu ao grego para velar têrmos dêste teor".

"Francisco José Freire entendia até que uma palavra, aliás bem inocente como bostela, devia ser atenuada por meio do vocábulo latino — **pústula**, que é o étimo do primeiro com troca do sufixo átomo - **ula**, pelo tônico".

4.º) **T ê r m o c i e n t í f i c o** — "A palavra científica ou erudita tem muitas vêzes o mesmo efeito eufêmico que a palavra

da língua estranha. Em vez dos vulgarismos que designam o posterior, emprega-se — **ânus**, termo científico; em vez dos nomes grosseiros que designam a matéria expelida por essa mesma parte do organismo, empregam-se os vocábulos — **dejecto** ou **excremento**; em vez mesmo de palavras menos nobres, como cuspir ou escarrar, empregam-se termos mais rebuscados e de tom um tanto erudito ou científico — **salivar** ou **expectorar**".

5.º) **Arcaísmo** — "O arcaísmo de palavra ou expressão também se pode empregar com valor eufêmico — ainda mesmo quando é bastante transparente".

6.º) **Onomatopéia** — "A imitação dos sons naturais desempenha por vêzes papel eufêmico. As mães dizem com frequência às crianças que deixaram escapar uma ventosidade — **é muito feio dar pus**".

7.º) **Vocábulos da linguagem infantil** — "Os termos, na forma por que usualmente aparecem na bôca da criança, desvulgarizam-se e depuram-se, mesmo quando são rasteiros e sujos". São exemplos: **pipi**, **chichi**, etc.

8.º) **Interpretação vocabular** — "O ruído sombrio, gutural e rolado do vômito é traduzido onomatopaicamente pela palavra **Gregório** — de vogal tônica penumbrosa e com repetição da gutural e da vibrante".

9.º) **Formas primitivas** — Exs.: "**O Códéas**, o **Pí-lu-las**, respectivamente aplicadas a indivíduos que trazem geralmente o fato cheio de códeas, ou possuem aquêlê desequilíbrio mental que uma metáfora graciosa do calão lisboeta chama "ter pí-lulas no capace-te".

10.º) **Formas derivadas** — "Os diminutivos muito especialmente são empregadíssimos. Foge-se a pronunciar o nome do diabo, mas diz-se afoitamente — **diabito**, **diabinho**, **diabrete**".

11.º) **Formas compostas** — "Um nome sujo ou obsceno, uma vez em composição com outros elementos, pode ganhar limpeza e ter aceitação". Exs.: **luzecu** ou **luzencu**, "pirilampo" (provincianismo port.), **acuar**, **recuar**, etc.

12.º) **Denominações afetuosas** — "O emprêgo eufêmico de nomes cumprimenteiros aparece principalmente nas

práticas maléficas — diabos, bruxas, animais perigosos, ou simplesmente prejudiciais, doenças tenebrosas ou mortíferas — substitui-se humildemente o nome verdadeiro destas potências do mal por denominações suaves e afetivas”. Ex.: O latim **mustela** substituído em Portugal por **doninha**, etc.

13.º) **Têrmos genéricos** — “Os vocábulos ou expressões próprias são muitas vezes substituídos por têrmos ou locuções gerais, cujo significado facilmente ressalta da situação ou momento especial em que foram empregues”. Ex.: Em vez de **diabo** o uso de **o inimigo**, o **pecado**, etc.

“Quanto mais geral fôr o emprêgo duma palavra, quanto maiores forem as suas possibilidades polissêmicas, tanto mais utilidade eufemizante ela possui. É o caso de têrmos vicários, como o substantivo **coisa** e o verbo **fazer**.”

* * *

No campo fonético há apenas um processo eufemizante — **a deformação**.

“O têrmo gravoso, cuja pronúncia integral e exata escandalizaria os ouvidos delicados, uma vez estropiado não fere susceptibilidades nem causa constrangimento a ninguém. A deformação emprega-se sobretudo para dissimular palavras impudicas ou velar têrmos religiosos”.

Alguns aspectos da deformação eufêmica:

1.º) **Redução** — “A palavra violenta é abreviada, e por mais pequeno que seja o fragmento conservado êle funciona semanticamente como se fôsse o têrmo completo”. Ex.: **Ter um t na testa** — em que a dental **t** eufemiza a palavra **toló**.

2.º) **Encorpamento** — “Para disfarçar o têrmo ominoso enriquece-se êste por vezes com fonemas que não lhe pertencem. “Ao pirilampo chamam no Algarve **luzecuco** por **luzecu**”.

3.º) **Deslocamento prosódico** — “Em vez de se empregar a palavra na sua forma corrente ou correta, retrai-se ou adianta-se o acento dela”. Ex.: **porcó** (gíria port.) em vez de **porco**.

4.º) **Mutação de fonemas** — “Consiste em substituir um ou mais fonemas de uma palavra por outros. São as termi-

nações que se trocam. Este processo eufêmico é usado largamente no campo dos eufemismos de superstição”. Exs.: **dialho, democho, demongres** em vez de **diabo, demônio**.

5.º) **Inversão de sons** — “Os anagramas quando empregues por motivo de delicadeza ou de prudência entram nesta categoria de processos atenuadores”.

6.º) **Cruzamentos vocabulares** — Ex.: **decho + demo**, ambos sinônimos de “demônio”, deu lugar a **dechemo** que aparece em Gil Vicente.

* * *

No campo gramatical:

1.º) **Mudança de gênero** — Ex.: Por **bacio**, em Portugal, vir a ser inconveniente, empregou-se **bacia**.

2.º) **Mudança de número** — Ex.: “O singular — **peito** é mais delicado, porque apresenta uma parte do corpo no seu conjunto, que o plural — **peitos**, que evoca parcelas distintas dela: os seios”. Contudo, p. ex., **membros**, quando se usa sem especificação, é mais decente que o singular. **Nós**, em vez de **eu**, é “para não irritar os outros com imodéstias ou excessos personalísticos”.

3.º) **Mudança de modos** — Ex.: “Em vez do imperativo, quase sempre agressivo, **arranja tu isso!** diz-se, empregando o indicativo, muito mais suave: **tu arranjias isso!**”

4.º) **Mudança de tempos** — Ex.: “Em vez de expressões sêcas, afirmativas ou interrogativas, com **peço-lhe o favor de voltar amanhã, pode dar-me duas palavras?** empregam-se na vida ordinária frases mais boleadas, com tempos do futuro ou do passado: **pedia-lhe o favor de voltar amanhã, poder-me-á dar duas palavras?** ou **poder-me-ia dar duas palavras?**”

5.º) **Mudança de forma proposicional** — “Por delicadeza ou prudência muda-se muitas vêzes em interrogativa uma frase de caráter imperativo, ou em hipotética uma frase de caráter decisivo”. Exs.: “Em vez de se dizer **peça um livro dêsses para mim; vamos passear**, dá-se à frase um caráter interrogador, muito mais doce e modesto: **era capaz de pedir um livro dêsses para mim? ; e se nós fôssemos passear?**” “Em substituição de uma

afirmação formal como — **o senhor não vai bem por êsse caminho usa-se uma frase de caráter probabilístico: o senhor talvez não vá bem por êsse caminho**".

6.º) **Alianças vocabulares** — "As palavras não têm em combinação o valor que tem no estado insulado. A adição de um qualificativo inocentíssimo pode adoçar, e mesmo desvanecer por completo, as arestas agressivas de uma palavra que, desacompanhada, impressionaria mal".

* * *

No campo semântico:

1.º) **A metonímia** — Ex.: **Madalena** em vez de **meretriz**.

2.º) **A metáfora** — Ex.: "Para designar a fome há inúmeras metáforas eufêmicas, tais como — **traça, rato, peneira**".

3.º) **A alegoria**.

4.º) **A antífrase** — "O termo gravoso pode ser, por decência ou por prudência, substituído pelo seu antônimo". Exs.: "De um estúpido diz-se não raro — **é inteligente!** e a expressão — **isto vai bem!** equivale freqüentemente a — **isto vai mal!**"

5.º) **O trocadilho** — Ex.: "Dir-se-á que um indivíduo é incapaz de uma afirmação gratuita — com dois significados: — o de que êle não é capaz de uma asserção leviana ou ímproba, ou de que só assevera aquilo que os outros lhe mandam dizer por dinheiro".

6.º) **A etimologia popular** — "O estabelecimento de um laço etimológico aparente entre duas palavras de famílias diversas pode às vêzes ter efeito eufêmico". Ex.: "No calão — e principalmente no dos malfeitores — abundam falsas associações: assim o **ladrão** é denominado **ladrilho**, a **gaveta** que se arromba — **gávea**, a **peça** de fazenda que se rouba — **peçonha**".

* * *

No campo estilístico:

1.º) **A circunlocução** — Ex.: Alexandre Herculano evitou o emprêgo de **porca** e **rabo** neste passo do "Pároco da Aldeia": "Aí é que certo animal torcia certa parte do corpo que eu e o leitor sabemos".

2.º) **A hipersemia** — “Para impressionarmos os outros exageramos a verdade” — Ex.: **Grande Hotel** (a um simples hotel).

3.º) **A hipossema** — “Necessidade de diminuir e dissimular — diminuir a impressão desagradável que produziriam certas evocações; dissimular determinadas idéias ou reações sentimentais, cuja manifestação nos desconvenha”. Exs.: **inverdade** (em vez de **mentira**); **fiquei menos contente com a sua ação** (em vez de **fiquei descontente com a sua ação**); **convite pouco agradável** (em vez de **convite desagradável**).

4.º) **A expressão negativa** — “A negação é por vezes uma forma comodíssima de fazer uma afirmação perigosa ou prejudicial”. Ex.: “Afirmar, por exemplo, que um indivíduo **não é um bandido** está longe de querer dizer que êle seja um homem de bem”.

5.º) **A frase paradoxal** — “As expressões paradoxais têm às vezes, com valor humorístico, valor eufêmico”. Ex.: “Quando se está farto de aturar um importuno, e uma expressão enérgica não tarda a escapar, recorre-se salvadoramente a uma frase como: — **ora vá lá fora ver se eu lá estou!**” “Em vez de dizer-se que um indivíduo é **tapado como uma porta**, o que seria extremamente agressivo, emprega-se uma comparação irônica adoçante das arestas — **experto como uma porta**”.

6.º) **A repetição** — Ex.: Em vez de — **diabos levem o rapaz!** dir-se-á **diabos levem... o diabo! Ora, os namorados são... os namorados!**

7.º) **Os complementos desculpadores** — “Muitas vezes o eufemismo é constituído por um complemento fraseológico que atenua a palavra ou a expressão mimosa que se não pôde ou não soube evitar. A praga **raios te partam** é anulada frequentemente com o acrescento de **nunca**”.

No port. arc., com expressões indecentes, usava-se o complemento **salvanor** ou **salvonor** (de **salva honor**, “salva a honra”), e hoje se diz — **com licença da palavra..., com sua licença, com perdão..., com o devido respeito.**

* * *

Entre outros recursos eufêmicos apresentados por João da Silva Correia, citemos:

Sufixação críptica — com sufixos estranhos (por ex., **-off** do russo): **É um autêntico malandroff.**

Gráficos — **Rab & Osk**, isto é, **rabioso** (por sua vez eufemismo por derivação): **rabo** + sufixo **ioso** (talvez de **quioso**).

Negação da realização de um dos dois atos alternados para se entender que se produz o outro: **Quando este homem abre a boca, nunca entra môsca** (= “Quando este homem abre a boca, sai asneira”), visto que a alternativa é: entrar môsca ou sair asneira.

6. A NEUTRALIDADE DOS SUBSTITUTOS

Se a palavra tabu é dotada de estranho poder, por que motivo não o é a palavra que a substitui?

O tabu lingüístico, já dissemos, está intimamente unido ao tabu dos seres. Como estes são evitados, os seus nomes também o são, em vista da crença que ambos são inseparáveis.

Na opinião de Havers, o emprêgo de palavras substitutas, para a mentalidade primitiva, é um recurso para enganar os espíritos malignos, os quais conhecem a linguagem ordinária. P. ex., a velha palavra indo-européia para “urso” (correspondente ao lat. **ursus**, etc.) foi substituída, entre os Germanos, por uma designação referente à côr do animal — “o pardo” (= al. **Baer** = **braun**), o que, para o animal, não era entendido e, portanto, não podia causar malefícios. Os espíritos dos animais, das doenças, etc. conforme a crença primitiva, não compreendem absolutamente línguas estranhas ou expressões que se afastem da norma estabelecida. Assim, “pardo” tem a significação normal de uma côr, que, todavia, convencionalmente, quer dizer “urso” entre os falantes, mas tal é incompreendido pela fera.

Não obstante o que Havers sustenta, verificamos a possibilidade de palavras substitutas, as chamadas noas, chegarem, por sua vez, a ser tabuizadas. Verificam-se exemplos nos lugares estudados — “rapôsa”, “veado”, “mão esquerda ou esquerdo”, etc.

No domínio dos tabus morais o fenômeno da substituição apresenta analogias.

O vocábulo indecoroso vem carregado de potência emotiva e associação de idéias que repugnam à sociedade cristã, dos bons costumes. Tais sentimentos e idéias pertencem aos meios abjetos pagãos ou aos meios inferiores da sociedade, nos quais é normal a chacota, o ridículo, o escárneo a tudo o que é decente, virtuoso, sagrado e cristão. Ora, os homens conscientes das virtudes, das boas ações, de pensamentos e sentimentos nobres, de tudo que os tornam felizes superiormente, espiritualmente, evitam e devem evitar os seus contrários.

Como há para as coisas, para os atos e fatos mais de uma expressão, existe, portanto, a possibilidade de substituir as palavras indecorosas por outras, neutras ou delicadas, suaves, ou despojadas de emotividade indigna e associação de idéias repugnantes, senão totalmente, pelo menos em parte, ou, então, expressões que não despertem tão abruptamente as idéias e os sentimentos escabrosos.

No domínio dos tabus morais, muito mais fàcilmente que no dos tabus supersticiosos ou verdadeiros tabus, há possibilidade de a palavra ou expressão substituidora, a eufêmica, vir a ser atingida também pela tabuização, em virtude de, pouco a pouco, tomar a si tudo aquilo que foi condenado pelos bons costumes.

É a história das línguas que no-lo confirma, história que é também a história da vida humana.

7. TABUS EM NOMES DE PESSOAS.

O nome do indivíduo, entre os selvagens e mesmo entre civilizados supersticiosos, o nome do indivíduo é parte essencial, inseparável da sua personalidade; não se deve empregá-lo, proferi-lo, porque fica a pessoa citada em perigo, por virtudes de poderes estranhos.

Algumas tribos africanas até acreditam na possibilidade de injuriar um inimigo, batendo numa árvore em que se lhe pronunciou o nome (28).

Os Ilas, norte da Rodésia (29), não citam os seus próprios

(28) M. Pei, "The Story of Language", Filadélfia e Nova Iorque, 1949, p. 249.

(29) D. Westermann, "Tabu und Sprache in Afrika" in "Forschungen und Fortschritte", n.º 5, Berlim, 10-2-1940.

nomes, de modo que, se alguém quiser saber como se chama um indivíduo, é mister perguntá-lo a um dos vizinhos. E' arriscado dirigir-se pessoalmente. É inconveniente na conversa o emprêgo de uma palavra que soe semelhantemente ou mesmo numa só sílaba com o nome de alguém.

Não se permite a denominação daqueles que, fazendo parte de uma tarefa especial, estiverem-na desempenhando, e igualmente, quando num trabalho difícil e importante. Dá-se, p. ex., a perífrase "corredor do mato" ao caçador; "homem do rio" ao pescador. Põe-se em risco qualquer empreendimento, caso fôr usado o nome apropriado.

Perto de animais ferozes, evita-se nomear alguém. Isto, porém, se dá, geralmente, quando se acha o indivíduo fora da povoação, em contacto com as estepes ou matas.

Aquêles recursos perifrásticos não são peculiares a êsse povo. São exemplares símiles entre os Gregos: **kynegétes** "caçador", pròpriamente "chefe (**hegétes**) de cão (**kúon, kunós**); **halítupos**, "navegador", pròpriamente "o que bate (**túpto**) o mar (**hális**)"; etc.

Os indígenas australianos guardam seus nomes em segrêdo, porque, conhecendo-os o inimigo, crêem ter em seu poder algo que pode, màgicamente, prejudicá-los (30). Abandonam, para sempre, seu nome, quando passam pela primeira das numerosas cerimônias que lhes conferem os direitos de homem feito. Se alguém da tribo quer chamá-lo, dirá "irmão", "sobrinho" ou "primo", conforme o caso, ou o chama pelo nome da classe a que pertence.

Na cerimônia da iniciação, é bem provável que os moços conservavam os nomes antigos, os quais sòmente desapareciam do uso quotidiano, ou, então, que, na iniciação, se lhes davam nomes novos, os quais se guardavam secretamente por temor à feitiçaria.

(30) "Sur le fleuve Herbert, au Queensland, les magiciens, pour pratiquer leurs maléfices contre quelqu'un, n'ont besoin que de connaître le nom de la personne en question; aussi ces gens se servent-ils rarement de leurs noms propres pour se parler; ils préfèrent leurs noms de classe" (C. Lumholtz, "Among Cannibals", Londres, 1889, **apud** J. G. Frazer, o. c., p. 266).

Pode acontecer que os selvagens tenham sobrenome — “o canhoto”, “o pequeno”, etc. Nunca, todavia, se menciona o nome próprio. Tal sucedeu, p. ex., entre os negros do lago Tyers, em Vitória, Austrália. O missionário, com dificuldade, pôde recolher nomes indígenas; deram-lhe, sim, nomes falsos. Perguntou o padre por quê? E soube que tinham dois ou três nomes, porém nunca proferiam o verdadeiro, por medo que alguém se apossasse dêle e lhes causasse a morte (31).

Tribos da Austrália central — além de seu nome próprio e usual, todo homem, mulher ou criança possui outro, secreto, sagrado, que lhes conferem os anciãos, logo depois do nascimento. Este nome só é conhecido dos membros do grupo já iniciados e só são pronunciados nas ocasiões mais solenes, e, fora daí, em voz baixa, após muitas precauções, a fim de não serem ouvidos senão por pessoas do grupo.

Cada egípcio, e atualmente cada abissínio, recebia dois nomes, um bom e outro mau, ou pequeno e grande. Ao passo que o bom ou pequeno podia ser manifestado publicamente, o verdadeiro ou grande era, parece, cuidadosamente dissimulado (32).

Uma criança brãmãne recebe dois nomes, um para uso corrente, e outro, secreto, conhecido somente pelos seus pais ou em certas cerimônias (casamento, etc.). Protege-se, destarte, a pessoa contra a magia, que tem potência mediante o verdadeiro nome.

Acreditam os povos da Costa dos Escravos na existência de um liame real, material, entre o homem e o seu nome, e que se pode, por meio dêste, causar-lhe mal.

Entre os negros Crus (África ocidental), só os parentes mais próximos conhecem o verdadeiro antropônimo de cada um; os outros o interpelam por meio de pseudônimo.

Os Jalofos (Senegâmbia) ficam aborrecidos se alguém os chama em voz alta. Dizem que o espírito mau se lembrará do nome e dêle se servirá, de noite, para lhes fazer mal.

(31) J. Bulmer, “Aborigines of Victoria” de Brough Smyth, II, 94, *apud* Frazer, o. c., p. 266-267.

(32) E. Lefébure, “La Vertu et la Vie du Nom en Egypte”, “Mélusine”, VIII, 1897, *apud* J. G. Frazer, o. c., p. 267.

Curioso é que, entre certos povos, como os de Nias (ilha na costa ocidental de Samatra), as crianças podem ser vítimas dos espíritos malignos, se êstes ouvirem pronunciar-lhes os nomes, ao passo que, para os Manegros (vale superior do Amur, Sibéria oriental), só os nomes das crianças podem ser pronunciados sem temor. No Sião (Tailândia), as crianças que possuem nomes de animais estão livres dos maus espíritos, pois êstes as temem.

Os Bagobos do Mindanau (uma das ilhas Filipinas) não pronunciam os antropônimos, com receio de serem metamorfoseados em corvo, porque êste "crocita o seu nome".

Revelar o nome aos estrangeiros concede-lhes poder preternatural sôbre os indígenas (Araucanos, do Chile; selvagens da Guiana inglêsa; Guamis, do Panamá; Apaches, do Novo México, Arizona e Texas; Sicsicas ou "Blackfeet", da família algonquina).

Se a um araucano se pergunta o nome, responde — "Não o tenho". Igual resposta dão indígenas do Canadá e os do istmo de Darien (mar das Caraíbas), ou então, deixam de responder.

Os pais ou os pajés dão aos selvagens da Guiana inglêsa, pelo nascimento, nomes tomados às plantas, às aves e às coisas, porém são pouco usados. Têm convicção de que os nomes verdadeiros são partes de sua pessoa. Entre si chamam: "irmão", "irmã", "pai", "mãe", etc. São tais denominações as mais empregadas.

Substituem os nomes indígenas, secretos, pelos dados pelos europeus (Navajos, do Novo México; Nixinam, da Califórnia; Tonkawes, do Texas; êstes, além de nomes inglêses, usam os do idioma comanche).

Os nossos indígenas brasileiros civilizados ou semicivilizados possuem freqüentemente dois nomes — um é da língua nativa, que conserva um caráter mais ou menos secreto, e outro é da língua portugûesa, que é, dão a entender, para gozar de regalias de cidadão, concedidas aos que entraram no convívio social comum. Assim, o nosso "professor" de caingangue **Krédiê** era também chamado **Messias Francisco da Silva** (33); o "professor"

(33) R. F. Mansur Guérios, "Estudos sôbre a Língua Caingangue", Curitiba, 1942, p. 5.

de Herbert Baldus era **Kōikān'**, mas também designado **Pedro Mendes** (34). Tais nomes de civilizado recebem-nos na cerimônia do batismo.

Mas há tribos que costumam dar aos filhos mais de um nome. indígena. Tal se verifica também entre os Caingangues (de Palmas, Paraná): "O pai, fala um índio, conta ("sic") ao filho ou à filha cinco, oito ou dez nomes, e todos êstes nomes são diferentes uns dos outros, e cada caingangue tem outros. . ." (35).

Os Bororos (Mato Grosso) possuem igualmente quatro, seis ou mais nomes (36).

Os Tonkawes (Texas) crêem que, se alguém chama uma pessoa pelo nome, depois da morte a alma do defunto pode ouvi-lo e vingar-se dêsses que incomodam seu repouso, ao passo que se se chama por uma designação de outra língua, não há perigo.

Entre os Chipeuas, desde criança, ensinam que declarar o nome é coisa funesta; permanecerão sempre de pequena estatura. Que outros o pronunciem, não há perigo. O nome constitui parte integrante do indivíduo no momento da enunciação por meio do sôpro, da respiração, da própria pessoa. A respiração de outrem é anódina; não tem qualquer conexão vital com êle. Igualmente entre os Malgaxes (Madagascar), podem dizer o nome um escravo ou doméstico, mas não o próprio fulano. Tal se verifica também entre as tribos da Colômbia Britânica, entre os Apaches, os Abipões (Argentina e Paraguai), os Esquimós Malemutes (estreito de Beringue), no arquipélago das Índias Orientais (37).

É muito indelicado fazer ao indígena esta pergunta — "Qual é o teu nome?" — cuja resposta pode ser: — "Pergunte-o a êste". Tal se dá com os Alfuras ou Harafuras (Celebes), Mótus e Motumótus (Nova Guiné), Papuas (da ilha Finsch-Haven), Nufuras (Nova Guiné Holandesa), Melanésios (arquipélago de Bismarque), Massais (Quênia, etc.), Baluas (Congo).

(34) H. Baldus, "Sprachproben des Kaingang von Palmas", sep. de "Anthropos", t. 30, 1935, p. 193.

(35) Herbert Baldus, "Ensaio de Etnologia Brasileira", col. Brasileira, 1937, p. 40. Mas não se fez referência à proibição de usá-los.

(36) Id., ib., p. 127.

(37) J. G. Frazer, o. c., p. 271 e 272.

O tabu antroponímico pode ser condicionado por circunstâncias e cessa, quando estas se modificam.

Entre os Nandis (Uganda), quando nas incursões, ninguém, dos que ficaram na *taba*, deve proferir o nome dos guerreiros ausentes, e se se faz alusão a êles; é como se fôssem “pássaros”.

Os Bângalas (Congo superior), quando em pesca, abstêm-se de mencionar nomes. Têm de fazer referência a alguém, dizem apenas **mwele**. Destarte justificam a proibição: São os rios povoados de espíritos que, se ouvissem o verdadeiro nome do pescador, poder-lhes-iam ser hostis, impedindo-lhes a pesca.

Entre os negros de Gippsland (Austrália), não se declaram os nomes dos adultos, mas o fazem como se fôssem crianças, porque elas não têm inimigos. Tal se dá igualmente com os Nufuras (Nova Guiné Holandesa) e com os Dacotas (América do Norte). Entre êstes, as crianças não guardam segredo dos nomes, porém somente quando adultos. Ao invés, os Alfuras (Celebes) temem proferir o nome de suas crianças.

Entre os Malaios (Oceania), não se pergunta diretamente a alguém como se chama, e designam-se os pais segundo os nomes de seus filhos, e os que não têm filhos, são chamados conforme os irmãos que tenham.

Para os Cafres (África do sul) é falta de cortesia chamar uma noiva pelo nome. Deve-se dizer: “mãe dum tal”, embora não seja ainda espôsa e mãe.

A uma indu (Índia), é interdito pronunciar o nome de seu marido; deve designá-lo por uma perífrase, como “pai de seu filho”, como entre as zulus. Entre os Cuquis, Zemís ou Cachanagas (do Assam), os pais perdem o nome após o nascimento de um filho e tomam a designação de “pai” ou “mãe dum tal”. Os casais sem filho respondem ao nome de “pai sem filho”, “mãe sem filho”.

Entre os Árabes, é muito descortês falar a um homem a respeito de sua espôsa, pelo seu nome; deve-se referir à “família” (Havers).

Entre povos da Europa oriental, pode-se até chamar uma

mulher por meio de interjeição — **eih!**, **oi!**, etc. — a fim de não citar-lhe o nome.

Na Rússia, chamam à criança recém-nada **ono**, pronome neutro da 3.^o pessoa, pelo receio de assalto dos espíritos malignos.

Parece que aí se acha o motivo por que, em várias línguas, a criança é do gênero neutro.

O gênero neutro é o do gênero inanimado, dos seres inertes, desprovidos de fluido vital ou "alma" ou ainda mana (38). Cp. alem. **das Kind**, gr. **tò téknon**, **tò paidíon**, **tò paidárion**, **tò bréphos**, sânscr. **tákma** (n.), ingl. **child** (n.), holandês **het wicht** (primit. "coisa"), **het kind**, etc.

(Continua)

(38) J. Mattoso Câmara Jr., "Princípios de Linguística Geral", 2.^o ed., Rio, 1954, p. 110.